

# Literatura Comparada e Literatura de Viagem: estratégias ópticas

\* Doutorando em Teoria  
Literária pela Universidade  
de São Paulo.

Jefferson Agostini Mello\*

RESUMO: Neste artigo, analisam-se as relações entre os primórdios da Literatura Comparada, textos de Ferdinand Brunétière publicados na *Revue des Deux Mondes* sobre Zola, Flaubert, e a Literatura de Viagens publicada à mesma época nesta revista. Conclui-se que são semelhantes os pressupostos a partir dos quais os autores, tanto de textos críticos como de textos de viagem, analisam seus objetos, assim como o lugar que estes autores reservam para textos e espaços do que se poderia chamar de segundo mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Literatura de Viagens; *Revue des Deux Mondes*; Ferdinand Brunétière

“Às ilhas, pérolas do mar, deve a superfície do planeta algumas de suas mais belas feições: a essas terras devem também os povos, graças ao comércio, em grande parte, sua civilização. (...). Se as nações arianas estivessem privadas desta espécie de cidadela onde puderam entrincheirar-se e colocar sob vigilância o terror de suas conquistas intelectuais e morais, com certeza não realizariam os progressos que criaram o mundo moderno.”

Élisée Réclus, *A vida na terra*

O olhar do viajante que, do cume da montanha, percorre ávido o horizonte do território insular em busca de matéria para ser desvendada e, em seguida, trabalhada via escrita vincula-se, em certo sentido, com o olhar do leitor-colecionador de textos. Ambos estabelecem com o objeto olhado um contrato de posse, como se estes espaços *outros*, liberados dos seus proprietários “naturais” (os nativos do território ou os autores sobre os textos),



pudessem ser minuciosamente analisados e transformados em pérolas para o desenvolvimento da Civilização. Além disso, tendo-se em vista que o viajante e o leitor dos quais se fala aparecem sobretudo na segunda metade do século XIX, momento em que não apenas os espaços americanos se emancipam como também os textos começam a ficar independentes da vida dos seus autores, devemos pensar em ambos como comparatistas, uma vez que, inevitavelmente, comparam espaços (a Europa e as ilhas) e produções (a alta e a baixa literatura).

Um dos ambientes propícios para estas comparações, tanto territoriais quanto literárias, é sem dúvida a *Revue des Deux Mondes*. Publicada na França a partir de 1831, constitui-se num dos veículos de expansão do que hoje conhecemos como Literatura Comparada. Das suas páginas serve-se Ferdinand Brunétière para publicar a sua teoria estética, que poderia ser entendida como os primórdios daquela. Mas das suas páginas, também, utilizam-se cientistas, aventureiros, escritores, empregados de companhias privadas ou estatais para fiscalizar e controlar, por meio dos relatos de viagens, o espaço colonial recém-emancipado.

Se Brunétière em suas análises se esforça por privilegiar um modo de olhar em detrimento de outro, não é muito distinto o que fazem os viajantes ao *comparar* dois mundos, o primeiro dos *deux mondes*: a Europa, com o segundo: o *resto* do mundo. Análise literária e literatura de viagens, portanto, convergem para objetivos comuns, reforçando-se mutuamente. Esse duplo vínculo de duas formas de escrita aparentemente distintas é o que pretendo mostrar nas páginas que seguem. Detenho-me, para tanto, primeiramente, em uma série de textos nos quais Brunétière, em nome da alta literatura, critica o naturalismo de Émile Zola. Em seguida, ao analisar um relato de viagem insular da mesma época, mostro no discurso do viajante sobre a paisagem uma posição similar à do crítico literário em relação ao texto.

Em 1877, Charles Mazade escreve um artigo em homenagem a François Buloz,<sup>1</sup> fundador oficial da *Revue des Deux Mondes*, falecido em 1874, no qual assinala a filiação liberal do pensamento de Buloz e a sua busca por divulgar todas as vozes das gerações pelas quais passou. Trata-se, em certo sentido, de um resumo do ideário da revista, onde traça em algumas páginas tanto o caráter e as preferências do proprietário do empreendimento quanto a sua linha editorial durante aquelas quatro décadas de existência. A partir do texto de Mazade, vemos que o que mais importava para Buloz,

(1) "Le fondateur de la *Revue des Deux Mondes*: François Buloz", *Revue des Deux Mondes*, Paris, XLVIII<sup>ème</sup> année, 3<sup>ème</sup> période, 21<sup>ème</sup> vol., 1<sup>er</sup> juin, 1877, pp. 481-512.

(2) Apesar disso, a revista publicará, em primeira mão, 18 poemas de *Les fleurs du mal*, de Charles Baudelaire; não, entretanto, sem anexar uma nota preventiva: "Publicando os versos que vamos ler, acreditamos mostrar uma vez mais o quanto o espírito que nos anima é favorável aos ensaios, às tentativas nos sentidos mais diversos. O que nos parece merecer o interesse é a expressão viva e curiosa, mesmo na sua violência de algumas fraquezas, de algumas dores morais que, sem compartilhá-las nem discuti-las, devemos conhecer como um dos signos do nosso tempo". *Revue des Deux Mondes*, XXV<sup>ème</sup> année, seconde série de la nouvelle période, Paris, 1855, pp. 1079-1093, Optei por traduzir todas as citações de originais em língua estrangeira.

(3) *Essais de psychologie contemporaine: études littéraires*, Paris, Gallimard (Tel), 1993, p. 128.

(4) *Idem*.

para lá de suas preferências individuais, era estar em contato com o que estava em voga no pensamento intelectual francês e europeu. Como órgão oficial das letras francesas, a *Revue des Deux Mondes* tinha de estar aberta ao que havia de mais atual, sem, contudo, dar muito espaço aos textos desafiadores da *doxa*.<sup>2</sup> Desde os primórdios, a revista recrutava os mais brilhantes colaboradores. Se a moda era o romantismo, lá estavam Vigny, Musset, Sand, Dumas, e seus críticos: Sainte-Beuve e Gustave Planche. À medida que o movimento e os escritores estivessem ultrapassados, a regra seria convocar outros eleitos, seguindo, assim, a mudança nas letras. Se dos anos 30 aos 50 a revista fora de inspiração romântica, mais tarde, na segunda metade do século, ela deveria se vincular a outros modos de leitura.

Portanto, levando em conta a "marcha da história" que evoca Mazade em seu texto sobre Buloz, a visão romântica de Sainte-Beuve e Planche, contemporânea, aliás, da concepção de literatura mundial de Goethe, deveria ser substituída, na revista, pelo pensamento positivista de Brunetière, inspirado sobretudo em Darwin, Spencer e Taine. Em outras palavras, o conceito de evolução e progresso literário, articulado à ciência natural, à teoria da evolução das espécies animais e vegetais, entraria no lugar da biografia do autor de Sainte-Beuve. Ao comentar essa mudança do ponto de vista da crítica literária francesa, Paul Bourget escreve que Taine não deveria ser chamado de crítico, apesar de ter elaborado ensaios agudos e precisos sobre Saint-Simon e Balzac. Segundo Bourget, "basta comparar estas páginas às que Sainte-Beuve escreveu sobre o mesmo assunto para constatar a diferença entre os procedimentos de anatomia psicológica de um pesquisador que vê na literatura um signo, e o método propriamente crítico de um juiz segundo o qual a produção literária é um fato soberanamente interessante por ele mesmo."<sup>3</sup> Percebemos claramente, a partir desta citação, a virada que se opera na concepção do texto literário: de produção de esfera superior ele passa a simples documento, sintoma de uma época. Assim, ele se desloca do centro, *sobre* o qual se pensa, à periferia, *através* do qual se pensa. Se, com afirma Bourget, Sainte-Beuve abunda em distinções, em sutilezas, no sentido de notar a mais fina nuance, Taine, ao contrário, esforça-se por simplificar: "o personagem que ele analisa não passa de um pretexto para a demonstração. O grande negócio para ele é estabelecer no seu lugar qualquer verdade generalíssima e de uma importância que estima bem superior."<sup>4</sup>

Com efeito, essa concepção evolucionista dos movimentos literários, patrocinada pela *Revue des Deux Mondes* por meio de colaboradores como



Brunetière, persegue uma verdade geral e, para alcançá-la, submete a literatura a um contexto maior, a saber, à natureza. A literatura como uma ciência, digamos, natural. Em um texto de 1893, “Os estudos da literatura comparada no estrangeiro e na França”, Joseph Texte explicita o programa afirmando que “se as literaturas podem ser comparadas, em certa medida, às espécies animais, pela natureza de sua evolução, é preciso, pois, estudá-las mediante um método análogo, bastante específico e profundo, capaz de explicar a complexidade dos fatos aos quais se aplica. E este método só pode ser, como todo método científico, o método comparativo, ponto de ligação entre ciências tão distantes quanto a anatomia e a gramática, a zoologia e a lingüística, a patologia e as ciências humanas.”<sup>5</sup>

Estará aí, explicitado por Texte, o programa fundador da Literatura Comparada, cujo nome, por sinal, aparece pela primeira vez na própria *Revue des Deux Mondes* em um texto de Sainte-Beuve sobre J.J. Ampère. Todavia, será a partir do colaborador e futuro diretor da *Revue*, Ferdinand Brunetière, reverenciado por Texte no texto supracitado, que a Literatura Comparada de cunho evolucionista ganhará terreno, ditando o modelo oficial da revista e, como mostrarei mais tarde, dialogando com olhar do viajante sobre o espaço não-europeu.

Entretanto, nos próprios textos de Brunetière e no direcionamento que dá à crítica literária, podemos intuir o lugar, ou melhor, o não-lugar, do *outro* no seio da revista. Porque a comparação evolucionista pressupõe, por um lado, a eliminação dos dejetos, do que não está à altura das formas mais elevadas da natureza e, por outro, a elevação do que é mais puro na literatura, “natural”, de um povo. Em outras palavras, há limites para o que se compara. Se há um mapa sobre o qual se olha, ele possui fronteiras bem traçadas e o comparatista sabe onde deve deter-se. É justamente isso que critica Fernand Baldesperger quando aborda o método de Brunetière, o qual, para ele, demonstrava um desejo crescente de subordinar a história das literaturas particulares à história geral da literatura da Europa. Como resultado, o seu mapa da história da literatura era feito de acordo com as obras mestras e com as grandes correntes.<sup>6</sup> De fato, Brunetière advoga em termos de uma arte perfeita, bem acabada. Ele execra tanto o realismo quanto o naturalismo, que, segundo ele, não são uma oposição ao romantismo mas um resto deste, o último estágio de uma espécie que fora gloriosa e que está em vias de extinguir-se para se transformar em algo melhor. Em uma série de textos de combate a Zola e ao Naturalismo, não é difícil lermos na pena de

(5) *In Literatura comparada: textos fundadores*, COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (orgs.), Trad. Maria Luiza Berwanger da Silva, Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 37.

(6) “A palavra e a coisa”, *In Literatura comparada: textos fundadores*, op.cit., trad. Ignácio Antônio Neis, p. 80.

Brunetière a negação de qualquer alteridade, de qualquer expressão literária ou artística fora do cânon, da alta literatura.

(7) *Revue des Deux Mondes*, XLV<sup>ème</sup> anée, 3<sup>ème</sup> période, VXXX<sup>ème</sup> vol., 1<sup>er</sup> avril 1875, pp. 700-713.

No primeiro texto da série, “Le roman réaliste em 1875”,<sup>7</sup> Brunetière ataca Zola pelo fato deste ter uma pretensão sistemática em conturbar as regras eternas da arte, sobretudo no que tange à escolha dos seus temas, dos seus cenários e dos seus personagens. Ao trazer à cena temas sociais, histórias que se passam em fábricas e personagens marginais, operários, camponeses, delinqüentes, Zola estaria denegrindo o sublime da arte. Em *Les Rougon-Macquart*, de acordo com Brunetière, “o autor ultrapassou todos os excessos aos quais o realismo tinha até então se permitido. Dificilmente imaginaríamos uma tal preocupação com o odioso na escolha do tema, com o ignóbil e com o repulsivo na escolha dos personagens, com o materialismo e com a brutalidade no estilo. (...). A humanidade é portanto composta apenas de canalhas, de loucos e de grotescos? O artista tem muitos direitos, ele não tem o de mutilar a natureza”,<sup>8</sup> Como vemos, na concepção de arte de Brunetière, o outro caricatural e/ou bizarro não merece espaço, assim como não o merecem as intenções de sátira política “que deveriam ser absolutamente estranhas à arte”.

(8) *Idem*, p. 706.

Não se deve substituir, portanto, o ideal de arte pela realidade quotidiana, degradada, das indústrias, do mundo dos operários e loucos, em outras palavras, do “segundo” mundo, a partir do qual o primeiro se impõe. Assim, poderíamos aventar que, em primeiro lugar, Brunetière nega Zola porque nega também o outro, o estrangeiro, justamente aquele que o romancista traz à cena. Porque se Zola e Flaubert lançam mão da teoria de Taine, do seu caráter científico e documental, é para elaborarem, via literatura, uma crítica social e saírem da torre de marfim do poeta romântico, partindo, com isso, para a observação e a transcrição do que lhes é estranho e marginalizado na sociedade. Neste caso, diríamos que o escritor realista se transforma em uma espécie de viajante, as suas pesquisas “literárias” funcionam do mesmo modo que as anotações em um diário de viagem. Porém, paradoxalmente, trata-se de uma viagem não científica; pois seu olhar não busca dissecar, separar e descrever o objeto. A questão é, antes de tudo, chocar o leitor através de um objeto que é fruto de um modo de olhar exacerbado, desfocado e, desse modo, supra-natural. Ou então, segundo o próprio Brunetière, impressionista. Sobre este olhar, ao criticar o teatro de Victor Hugo, com a intenção de através dele criticar Zola, o colaborador escreve:

Digamos apenas desta vez que o estilo do Sr. Victor Hugo, tal qual nós tentamos defini-lo, era suficiente, no momento que ele fazia escola, e conduzia infalivelmente do realismo ao naturalismo e do naturalismo ao impressionismo. (...). Trata-se de uma língua de algum modo materialista, que representa as coisas brutalmente, tal como o olho as vê, tal como a orelha as escuta, tal como os nervos as experimentam, aliás sem jamais fazê-las passar pela elaboração do pensamento.<sup>9</sup>

Neste sentido, o Naturalismo faria uso de Taine para reivindicar o que não passa pelo pensamento, e colocar o escritor em contato com as coisas, sem o filtro das elaborações microscópicas e refinadas da arte. A partir desta descrição que elabora Brunetière sobre Victor Hugo, poderíamos, inclusive, traçar um paralelo com o impressionismo nas artes plásticas, pois, apesar dos próprios pintores impressionistas reivindicarem seus trabalhos como os mais próximos do real, muito além da arte clássica, o que se dá nestes ensaios estéticos é, justamente, a ultrapassagem do limite das linhas.

Na natureza, ao ar livre, os objetos perdem seus contornos e percebemos, ao invés das linhas, a mistura de matizes.<sup>10</sup> Desse modo de olhar que se fixa nos objetos, ou nos personagens humanos, a fim de apreender a sua essência, temos, na incidência da luz sobre ele, a eliminação das fronteiras, a dissolução das linhas e, portanto, a dificuldade de qualquer sistematização coerente e racionalizada. É esse modo de olhar condenado por Brunetière, uma vez que, para ele, o outro só importa enquanto material científico quantificável, classificável<sup>11</sup> e, ainda, a ser utilizado em prol da civilização, para mostrar a sua superioridade.

Além disso, para a teoria evolucionista, não se deve misturar imaginação e ciência, pois tanto o olhar científico deve ser imparcial, puro, quanto a imaginação deve conversar com as musas e não tentar imitar a natureza por meio da pura percepção. Max Nordau é claro no que se refere à divisão de papéis da ficção e da ciência. O ficcionista que tenta mesclar as duas, para ele, “está fazendo o que não é do seu ofício. Em vez de criação artística ele quer nos dar ciência, e nos dá falsa ciência, uma vez que não suspeita das influências que realmente formam o homem”, influências estas que não se limitam ao contexto social dos personagens.<sup>12</sup>

Se a literatura, ou melhor, a ficção literária não deve meter-se com a complexidade científica, a Literatura Comparada, como vimos, deve basear-se sobretudo nos dados positivos obtidos a partir da observação racional das

(9) *Revue des Deux Mondes*, “Revue Littéraire”, “Théâtre complet de M. Auguste Vacquerie”. XLIX<sup>ème</sup> année, 3<sup>ème</sup> période, 34<sup>ème</sup> vol., 15 juillet, 1879, p. 452-463. Sobre a discussão de Brunetière ver também na RDM, “Les origines du roman naturaliste”, LI<sup>ème</sup> année, 3<sup>ème</sup> période, XV<sup>ème</sup> vol., 15 sept. 1881, p. 438-450; “Le pessimisme dans le roman”, LX<sup>ème</sup> année, 3<sup>ème</sup> période, LXX<sup>ème</sup> vol., 15 juillet 1885, p. 214-225 e “La banqueroute du naturalisme”, LVII<sup>ème</sup> année, 3<sup>ème</sup> période, LXXX<sup>ème</sup> vol., 1<sup>er</sup> sept. 1887, p. 213-224.

(10) Ver GOMBRICH, E. H., *A história da arte*, trad. Álvaro Cabral, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1993, p. 406.

(11) Max Nordau, em seu *Degeneração*, (trad. sem menção, Lincoln, University of Nebraska, 1993), sustenta esta opinião com base, como vemos nas notas, no próprio Brunetière. Ao analisar o Realismo, este discípulo de Lombroso escreve que “o impressionista se coloca em relação a algum fenômeno apenas sensivelmente, como fotógrafo ou como sonoplasta, etc. Ele registra as vibrações dos nervos. Ele nega a si mesmo toda a compreensão elevada, a elaboração das percepções em conceitos, e a classificação dos conceitos em experiências. (...) O teórico do ‘milieu’, ao contrário, sistematicamente atribui importância maior não ao fenômeno, mas à sua conexão de causa; ele não é um sentido que percebe, mas um filósofo que se lança a interpretar e explicar de acordo com o sistema” (p. 487).

(12) *Idem*, p.488.

(13) Em "La banqueroute du naturalisme" (op. cit.), continuando sua eterna batalha contra este gênero, ou melhor, contra a alteridade, Brunétière se coloca como naturalista, aliás, como um "verdadeiro naturalista". (p. 224).

(14) Segundo a *Enciclopedia Italiana* (vol. XV, ed. 1949), Fouqué foi professor no Collège de France, membro e presidente da Academia das Ciências e teria introduzido na França o uso do microscópio no estudo dos minerais e das rochas, ao mesmo tempo que reproduziu artificialmente diversos minerais, obtendo por síntese várias rochas vulcânicas. Foi um dos primeiros naturalistas que soube aplicar praticamente seus conhecimentos químicos e geológicos no estudo dos fenômenos vulcânicos.

(15) *Revue des Deux Mondes*, Tome CIII<sup>ème</sup>, 1<sup>er</sup> jan., 1873, Tome CIII<sup>ème</sup>, 1<sup>er</sup> fev., 1873, Tome CIV<sup>ème</sup>, 1<sup>er</sup> mar., 1873. Todas as citações do relato são destas edições.

(16) Duplo movimento que daria ao texto certa legitimidade, além de se basear na "viagem empírica", toma emprestado do texto memorialista o seu caráter de afirmação de uma memória coletiva e, portanto, "mais verdadeira". Ver MAY, Georges, *La autobiografia*, trad. Danubio Torres Fierro, México, Fondo de Cultura Económica, 1982.

(17) Para Fouqué, os Açores têm o mesmo estatuto dos países americanos. Em vários momentos da narrativa acentua-se o fato dos Açores não fazerem parte da Europa, mas estarem, justamente, entre ela e a América.

(18) Sobre a expedição de La Condamine e a conquista silenciosa (ou a anticonquista) ver de PRATT, Mary Louise, *Imperial eyes - travel writing*

leis naturais.<sup>13</sup> E, do mesmo modo, neste exame, lutará contra as formas decadentes ou restos para levar a humanidade ao seu progresso "natural".

Como foi dito anteriormente, esse mesmo direcionamento da crítica literária, rastreável não apenas na *Revue des Deux Mondes*, mas no pensamento francês e europeu, cujo porta-voz é Brunétière, pode ser aplicado à própria literatura de viagens que a revista veicula. O viajante, é o que pretendo mostrar, vislumbrará o espaço do outro da mesma forma que o crítico literário positivista, seu olhar, como o deste, verá o território colonial, uma ilha neste caso, como um objeto a ser dissecado e apresentado aos leitores.

O geólogo Ferdinand Fouqué<sup>14</sup> publicará as suas "Voyages géologiques aux Açores"<sup>15</sup> na *Revue des Deux Mondes* na mesma época em que Brunétière começa a colaborar mais assiduamente com o periódico. Este relato insular, sobre o arquipélago dos Açores, um apanhado de notas e informações coletadas em duas viagens do geólogo àquelas ilhas (a primeira viagem é de 1867) e reconstruídas por meio da memória<sup>16</sup> constitui-se, em princípio, em um inventário das formações vulcânicas do lugar. Porém, ele é mais do que isso. Como qualquer relato europeu (inglês ou francês) a partir da expedição de La Condamine, que serviria "apenas" para medir o tamanho da terra, ele serve para conquistar, silenciosamente, os espaços americanos<sup>17</sup> que começam a fugir das mãos portuguesas e espanholas<sup>18</sup>. Assim, diríamos que o desejo da pesquisa científica esconde um outro desejo que é o de, segundo o próprio viajante, "ao mesmo tempo, fornecer uma idéia rápida das riquezas vegetais destas ilhas, das felizes condições que nelas encontra especialmente a arboricultura, e das notáveis tentativas de aclimação que aí se tentou ou se levou adiante".<sup>19</sup> Ou seja, o ideal da viagem é o de mapear as riquezas do lugar, juntando ciência e economia, e transformar o arquipélago em um lugar propício para outras viagens, para outras conquistas.

Mas, como se elabora, textualmente, esta conquista? Em uma leitura atenta do relato de Fouqué, vemos que a estratégia do viajante não é muito diferente daquela do esteta. Aventaríamos, inclusive, que ela tem a estrutura de um *close reading*, indicando um movimento que vai de dentro para fora, em três as etapas, no sentido de apreender o todo do terreno (o significado primordial do "texto"). Em primeiro lugar, o objetivo específico, a razão da viagem do cientista geólogo: conhecer o terreno mais interior, o solo, as formações rochosas, os vulcões que se escondem no fundo do mar. Em segundo, o objetivo geral, do homem da ciência: conhecer o que está mais

acima mas que ainda faz parte do mundo “natural”, ou seja, a flora e a fauna e, por último, o do homem civilizado: conhecer a superfície, os habitantes, a parte “cultural” do lugar.

Todavia, o próprio discurso científico é metáfora de conquista do território insular. Em outras palavras, mesmo sem se referir ao que há de mais superficial na ilha, ao cultural, e sem lançar mão deste tipo de discurso, sociológico, Fouqué e seus editores visualizam a ilha como uma efetivação dos desejos de controle e coerção da modernidade e, nesse sentido, realizam à maneira de Brunetière o apagamento de qualquer alteridade. Detenho-me em uma passagem do relato cuja metáfora teórico-política não apenas reforça a tese contida na epígrafe de Réclus como também aponta para os fundamentos da Literatura Comparada que começaria a se esboçar nas páginas da *Revue*.

Consideraremos “a notícia de uma erupção submarina cuja aparição se deu nas proximidades da ilha Terceira”<sup>(20)</sup> como o evento que impulsiona ou que serve de pretexto para a primeira viagem do geólogo ao arquipélago dos Açores. O viajante chega tarde para este espetáculo da natureza. Mas informado por nativos de que ainda havia vestígios de ebulição de água do mar, Fouqué resolve contratar canoeiros locais para averiguar aqueles que poderiam ser os últimos fenômenos daquela erupção. Lança-se ao mar e, para a sua felicidade, lá está “o último fenômeno da erupção”, “um leve borbulhar”<sup>(21)</sup> na superfície da água, admirado com prazer pelo cientista. Mas este não admira apenas, examina e disseca a essência da natureza daquelas ilhas vulcânicas. Fouqué apreende, aprisiona o gás que deriva da erupção. Como qualquer naturalista que coleta “inocentemente” a flora americana, ele lança ao fundo do mar o seu tubo de ensaio e recolhe um pouco da água borbulhante que restava. Em suas mãos, ele segura um fragmento do espaço do *outro*, ou melhor, o próprio espaço do outro, que deixará para analisar “na cuba de mercúrio de um laboratório”.<sup>(22)</sup>

Nesse sentido, o instrumento da técnica, o tubo de ensaio que o geólogo lança ao mar e através do qual apreende os gases para pesquisar as formações vulcânicas, constitui textualmente uma poderosa metáfora teórico-política não só da apreensão da natureza, mas de um controle efetivo da cultura ocidental sobre o arquipélago. A rigor, o movimento do geólogo relaciona-se ao próprio aprisionamento da população dentro de um tubo – uma redoma, bolha, enfim, uma ilha – e ao seu deciframento posterior, à distân-

and *transculturation*, London, Routledge, 1997.

(19) Essa citação é da edição de janeiro, p. 42.

(20) p. 42.

(21) p. 47.

(22) p. 47.



cia, em um laboratório instalado na metrópole, com o intuito de fortalecer as instituições ocidentais. Fortalece-se, portanto, a idéia de que as conquistas e progressos intelectuais da Europa estão relacionados à vigilância e à posse dos espaços insulares. No entanto, diríamos mais. O gesto de Fouqué se inclui na própria estratégia de leitura do *outro* da *Revue des Deux Mondes*. O viajante olha o gás apreendido, ou o território insular, do mesmo modo que Brunetière olha a “má” literatura de Zola e Flaubert. Fazem parte, elas também, do “segundo dos mundos”, dejetos de uma arte que fora grandiosa e que é preciso apagar com urgência.

A título de conclusão, vale mais uma vez recorrermos à epígrafe de Réclus e pensarmos que o externo, o *outro*, não é apenas externo. Ele é, antes, constituinte do *mesmo*. É graças àquele que este se constitui: não há mundo moderno sem as ilhas, como assinala o anarquista científico. Em outras palavras, o olhar comparatista, detectado nas análises acima, baseia-se em um método que reduz a natureza e a cultura do *outro* a sustentáculos de um regime que, mesmo as excluindo, as inclui, porque se move a partir desta exclusão-inclusão. Ou seja, tanto a L.C. quanto os relatos de viagem, fórmulas de observação da matéria da alteridade, estruturam-se pela posse do *outro*: Brunetière das extravagâncias do Realismo francês e Fouqué da natureza insular.

ABSTRACT: In this paper, one analyses the relations between the beginnings of Comparative Literature, the Ferdinand Brunetière writings about Zola and Flaubert on the *Revue des Deux Mondes*, and the Travel Literature published at the same time in that magazine. One concludes that the authors views, in critics or travel texts, are similar, as the place they reserve to text and spaces from the so called “second” world.

KEYWORDS: Comparative Literature, Travel Literature, *Revue des Deux Mondes*; Ferdinand Brunetière.

